

## Focando as famílias homomaternais: a diversidade na contemporaneidade

Madalena Dornelles Pereira Leite<sup>1</sup>, Yáskara Arrial Palma<sup>1</sup>, Marlene Neves Strey<sup>1</sup> (orientador)

<sup>1</sup>*Faculdade de Psicologia, PUCRS*

### Resumo

#### Introdução

O presente trabalho apresenta uma outra maneira de ser família na contemporaneidade, que é a família homomaterna, ou seja, mulheres que se identificam como lésbicas e possuem filhos e filhas, independente da forma como se constituiu a maternidade. É uma outra maneira por não seguir a norma heterossexual na qual nossa sociedade ainda está pautada, considerando tudo o que está fora dessa “norma” como algo estranho ou patológico, mesmo não sendo mais considerado como tal.

A partir da data de 05 de maio, o Supremo Tribunal Federal (STF) passou a considerar legítima a união entre homossexuais, reconhecendo direitos para o/a companheiro(a) nunca antes considerados, estabelecendo então a família constituída por *gays* e lésbicas como uma família reconhecida na Vara de Família do Direito. Porém, mesmo assim, ainda são muitos os preconceitos enfrentados, advindos muitas vezes das próprias lésbicas e suas famílias de origem.

Somente após passar por um período de aceitação e entendimento de seus sentimentos, conseguiram vivenciar seus verdadeiros desejos, conforme é apresentado nas falas das participantes. E viver seus desejos conforme bem entendem é romper com os cativeiros de uma sociedade patriarcal e heterossexista, que aprisiona as mulheres, e direcionam seus comportamentos e vivências. Quando conseguem se desvencilhar dessas amarras, percebem que são uma família dentre as inúmeras outras que existem, e devem sim, ser respeitadas enquanto tal.

## Metodologia

A pesquisa seguiu um delineamento qualitativo, de caráter descritivo e exploratório. Os métodos qualitativos de pesquisa são úteis para quem busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre, pois permitem a observação de vários elementos de uma forma simultânea em um pequeno grupo (Víctora, Knauth e Hassen, 2000). Foram realizadas oito entrevistas narrativas com mulheres que se identificavam como lésbicas e possuíam filhos(as) independente da maneira como se constituiu a maternidade. As entrevistas foram gravadas e transcritas e submetidas à análise de discurso sob a ótica dos estudos feministas de gênero (Scott, 2002, Strey, 2004).

## Resultados e Discussão

As falas a seguir, com nomes fictícios, apresentam essa realidade, mostrando que o preconceito ainda se faz presente no cotidiano das pessoas, provocando sofrimento e até mesmo impedindo a realização de desejos de uma conjugalidade mais satisfatória: *“Nunca, jamais, na verdade a gente não assume, pra ninguém assim, sei lá, porque a gente não assume, porque se a gente assumir alguém vai estar criando alguma expectativa...”* (ROBERTA).

A norma heterossexual impõe que somente possa ocorrer o relacionamento afetivo-sexual entre um homem e uma mulher, reforçando o modelo binário e todas as teorias relacionadas às fixações de papéis masculinos e femininos. Com isso, coloca todos os pares do mesmo sexo na posição de “desviantes”, e esse discurso carrega consigo todo o estigma e o preconceito advindos daqueles que esperam que as normas sejam cumpridas (Swain, 2000, Butler, 2003, Gomide, 2007).

As falas a seguir trazem a heteronormatividade se impondo sobre o desejo, produzindo modos de se viver: *“Na verdade, eu sempre tive muito preconceito, eu dizia assim, dois homens juntos tudo bem, mas duas mulheres, que horror. Eu tinha muito preconceito com isso, mas daí foi que aconteceu. [...] Então eu fiquei muito confusa, foi muito difícil, foi a primeira mulher que eu fiquei, e foi tudo muito novo, eu fiquei muito mal, sabe, bem confusa mesmo. Inclusive comecei minha graduação assim, fugindo das pessoas, não sabendo o que dizer quando me perguntavam sobre coisas pessoais, se eu tinha marido...”* (JULIA).

E quando finalmente conseguem romper com os preconceitos, formam suas famílias homomaternais. A criação dos filhos e filhas está sendo feita com base na verdade, para que eles e elas se desenvolvam sabendo que as pessoas são diferentes, gostam de pessoas diferentes e que todos e todas devem ser respeitados(as) nas suas diferenças. As maneiras

como as crianças se referem às suas mães são um exemplo da abertura de novas perspectivas, inclusive com novas nomenclaturas: “*Eles aprenderam a palavrinha pami, pami foi um nome que a M. inventou para dizer para eles, não necessariamente tendo a ver pami com pai, ela inventou porque não se reconhecia como mãe, como duas mães, ela achou que não era o lugar dela ali, e que M. parecia muito longe, foi todo um trabalho, não foi bem assim, tirar da cartola, a gente foi por aqui, foi por ali [...] na nossa família não tem pai, é formada por duas mulheres, a gente se vê de um jeito diferente, a gente é mãe e pami, tanto que no dia das mães eu vou e no dia dos pais a pami*” (ISABELA).

## Conclusão

Enfim, as famílias homomaternais possuem suas singularidades como todas as outras famílias. Não são piores nem melhores que as outras tantas existentes. São diferentes, assim como cada família é, pois cada pessoa também é diferente de outra. Devemos olhar para as pessoas, antes de olharmos para a sua orientação sexual. E a orientação sexual não faz uma mãe ou um pai melhor ou pior, ela simplesmente define as pessoas com que essas mães e pais irão se relacionar afetivo-sexualmente. E com isso, entendemos também que, para criar uma criança, independente de ser heterossexual ou homossexual, a pessoa precisa ter amor. E isso encontramos de sobra nesses lares, são crianças criadas em lares com amor.

## Referências

- BUTLER, Judith. “O parentesco sempre é tido como heterossexual?”. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 21, p. 219-260, 2003.
- GOMIDE, Silvia. Formação da identidade lésbica: Do silêncio ao *queer*. In: GROSSI, Miriam P.; UZIEL Anna P.; MELLO, Luiz. (Orgs). **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis**. Rio de Janeiro: Garamod, 2007, p. 405-423.
- SCOTT, Joan. *Fantasy echo*: História e a construção da identidade. **Labrys: Estudos Feministas**, n. 1-2, jul./dez. 2002. Disponível em: <[http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1\\_2/scott1.html](http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/scott1.html)>. Acesso em: 05 jul. 2011.
- STREY, Marlene N. Ser sujeito ou ser o outro? Algumas reflexões históricas. In: STREY, Marlene N.; CABEDA; Sonia T. L.; PREHN, Denise R. (Orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 129-148.
- SWAIN, Tânia N. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Coleção Primeiros Passos, 2000. 313 p.
- VÍCTORIA, Ceres G.; KNAUTH, Daniela R.; HASSEN, Maria N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde**: Uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. 133 p.